



REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

FUTEBOL, DOCUMENTÁRIO E DITADURA MILITAR BRASILEIRA: OUTROS CAMINHOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

João Pedro Pereira Rocha¹

Resumo

O artigo apresenta algumas reflexões construídas durante elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, que teve o objetivo de analisar o futebol como ferramenta possível para o processo de ensino aprendizagem em história. O caminho metodológico ocorreu por meio de uma análise crítica do documentário “Ser campeão é detalhe: democracia corinthiana” (2011), de modo a indicar aproximações possíveis, da fonte em questão, com um conteúdo didático obrigatório para disciplina de história na Educação Básica, o Regime Militar no Brasil. Assim, foi possível assinalar contribuições didáticas do futebol para problematizar, em sala de aula e a partir de relatos orais, personagens históricos que contestaram valores e ideologias em seus espaços de atuação histórica e social.

Palavras-chave: Ensino de História. Futebol. Cinema.

Introdução

O tema Regime Militar no Brasil representa, para a disciplina de história, caminho fundamental na busca pela renovação de seu ensino a partir da historiografia política. Essa proposta é algo que aparece no horizonte de interesses no dialogo com alguns dos postulados presentes nos “documentos oficiais”, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)² que, ao discutir a formação cidadã no Ensino Fundamental, destaca a importância de o estudante entender a cidadania como sendo o exercício dos direitos e deveres, civis, sociais e políticos. Essa perspectiva de discussão é possível mediante reflexão acerca do papel do ensino de história a partir de abordagens metodológicas de determinados conteúdos. Como proceder? Na

¹ Pós-Graduando *Latu Sensu* (Especialização) em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Contato: joapedrojp56@gmail.com.

² BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília: Imprensa Oficial, 1998.

esfera dos aspectos políticos, em sala de aula, e segundo a historiadora Selva Guimarães Fonseca³, velhas práticas ainda perduram no cotidiano da disciplina história. Ainda persiste a exaltação dos heróis nacionais, mitos, datas e dos fatos; portanto, uma concepção de ensino advinda da historiografia positivista, que privilegia acontecimentos ligados às ações do Estado. O rompimento com tais questões perpassa o campo da renovação no modo como determinado conteúdo é apresentado pelo professor de história em sala de aula.

Tomando as orientações dadas pelos PCNs, e refletindo sobre o papel do ensino de história, vale ressaltar o espaço de uma disciplina que fomenta o desenvolvimento de uma consciência histórica balizada em valores políticos⁴, algo que indica para necessidade de uma ação consciente no meio ao qual o sujeito/estudante esteja inserido, com vista ao entendimento de seus direitos/deveres e o respeito aos direitos dos outros. Nesse contexto, e a partir do tema assinalado – o futebol no processo de ensino aprendizagem em história – o conteúdo Regime Militar no Brasil pode ser representativo aos objetivos que atentam para reformulação nas abordagens sobre a temática. Assim, o futebol, que mais adiante será discutido à luz da chamada “Democracia Corinthiana”, favorece a promoção de ideias que percebiam no esporte um espaço para romper com estruturas e comportamentos solidificados, que corroboraram com a ideologia da Política Nacional. Em sala de aula, essa discussão aponta para possibilidades, por meio das quais, o estudante poderá identificar elementos característicos comuns entre a Política Nacional e o universo futebolístico, bem como a atuação de “outros” sujeitos, que viveram seu tempo; deixando vestígios de suas ações e perspectivas ideológicas, sobretudo frente ao contexto de luta pela redemocratização do país.

Em relação ao conteúdo didático, “Regime Militar no Brasil”, a importância de sua abordagem em sala de aula já fora assinalada por uma bibliografia significativa e que sublinha, entre outras, a importância deste conteúdo para o entendimento de uma história próxima e de reflexos tão nítidos na sociedade atual⁵.

³ GUIMARÃES, Selva. *Caminhos da história ensinada*. 9ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

⁴ RÜSSEN, Jörn Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. (Orgs.) *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2011, p. 79-91.

⁵ Sobre essa questão ver, entre outros: ARAÚJO, Maria Paula; SANTOS, Desirree dos Reis; SILVA, Izabel Pimentel da. (Orgs.) *Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013. GASPARETTO, A; PADRÓS, Enrique Serra. A ditadura civil-militar em sala de aula: desafios e compromissos com o resgate da história recente e da memória. In: BARROSO, Vera Lúcia; PEREIRA, Nilton Mullet; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GEDOZ, Sirlei; PADRÓS, Enrique Serra. (Orgs.) *Ensino de História - Desafios Contemporâneos*. Porto Alegre: EST, 2010, p. 183-201. SILVA, Marcos. O historiador, o ensino de história e seu tempo (Notas sobre a problemática da

Assim, cabe refletir acerca de sua abordagem em sala de aula. Tal categoria de análise vale quando o professor tenciona usar de uma série de documentos facilitadores para o trabalho com o conhecimento histórico no ambiente escolar. Esses documentos, por sua vez, apontam para elementos dispostos e passíveis de uso, enquanto ferramentas para o processo de ensino aprendizagem em história.

A presença do tema “Ditadura Militar no Brasil” e enquanto conteúdo presente no currículo de história para a Educação Básica pode evidenciar algumas fragilidades/barreiras do universo docente, tendo em vista sua efetiva discussão em sala de aula. Com isso, e sendo um componente curricular obrigatório, as discussões sobre Regime Militar em sala é algo que perpassam o campo da reflexão acerca de seus possíveis usos, dependendo circunstancialmente do posicionamento político-partidário do professor de história.

Simultâneo ao desenvolvimento da Ditadura Militar no Brasil; ocorriam ações de sujeitos descontentes com a política autoritária. Nesse contexto, o futebol, na sua dimensão sociopolítica, deu vazão para esses personagens, merecedores de reflexões históricas acerca de suas ações. É nesse sentido que encontramos a contribuição pontual do futebol para o ensino de história: fragilizar uma concepção, na história ensinada, de História Nacional linear, erigida pelo Estado ou por alguns de seus componentes eleitos, uma História excludente.

Como essas questões, que dizem sobre a relação História, Futebol, Regime Militar e Sociedade, podem ser traduzidas em sala de aula, e com vistas ao processo de ensino aprendizagem em história? Por meio da eleição de um documento: o cinema, embora haja outras possibilidades de escolha. Nesse contexto, ao refletir sobre o documentário, enquanto representação cinematográfica nas aulas de história e pensando o caso particular do documentário “Ser campeão é detalhe: democracia corinthiana” (2011), alguns questionamentos são pertinentes. Isso porque, portador de determinada representação histórica, como ele pode vir a ser projetado em sala de aula, pelo professor de história? Quais benefícios e limitações dessas representações para as aulas de história?

“Ser campeão é detalhe: democracia corinthiana”: usos do documentário nas aulas de história

O espaço que o cinema alcançou ao longo do século XX, fez com que os historiadores repensassem suas práticas de investigação do passado. Em um contexto de renovação historiografia, a crítica do historiador Marc Ferro⁶, em sua obra sobre a relação História e Cinema, indica para a real necessidade de uso do filme como recurso para interpretações históricas. Para o historiador francês, a rejeição do filme, como documento no ofício do historiador, ocorria, em face da supervalorização dos documentos escritos, tidos como fontes superiores para o estudo da História. Nesse contexto, e superado o dilema, caberia ao historiador analisar e discutir o filme, levando em consideração o fato de ele ser uma produção humana, com intencionalidades e especificidades próprias de seu gênero.

A ampliação das ferramentas de reprodução fílmica, a partir da década de 1990, possibilitou a inserção dos filmes nos diversos espaços e instituições sociais, a exemplo das escolas. Nesse contexto, surgiu o debate sobre o modo com as diversas disciplinas escolares fariam uso da produção cinematográfica para atender suas necessidades metodológicas de ensino aprendizagem⁷. No caso particular da disciplina história, a historiadora Circe Bittencourt⁸ chama atenção para o fato de, em um período significativo, haver um relativo desprezo de muitos historiadores em relação ao cinema, algo que excluiu a percepção do cinema como tópico de análise nos cursos Superiores de Formação de Professores. Como consequência a isso, tem-se uma realidade na qual o filme não é abordado a partir de fundamentos teóricos e metodológicos. Assim, são insistentes as interrogações sobre o uso que professores fazem desse material em sala de aula: como ilustração de um momento histórico? Como “resgate histórico” do acontecido? Ou como veículo de ideologia dominante? Com isso, o saber histórico escolar recorre a formas e estratégias de inserir o cinema em sala de aula, respeitando normas didáticas da disciplina história.

Segundo Selva Guimarães⁹, e levando em consideração a tradição do uso do filme no ensino de história, as mudanças recairiam sob o campo das abordagens e das concepções. Dessa forma, vale interrogar o espaço do filme nas aulas de história: se como documento, a ser problematizado, ou ferramenta ilustrativa de algum

⁶FERRO, Marc. O filme: uma contra análise da sociedade? In: *Cinema e História*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 79-115.

⁷BITTENCOURT, C. M. Usos didáticos de documentos. In: *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 325-338. NAPOLITANO, Marcos. Planejamento das atividades e procedimentos básicos. In: *Como usar o cinema em sala de aula*. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 79-102.

⁸BITTENCOURT, op. cit., p. 326.

⁹GUIMARÃES, Selva. O Ensino de História e a construção da cidadania. In: *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 13ª Ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 143-158.

conteúdo, ou mesmo para fins de complementação de carga horária. Como elementos característicos de uma produção cinematográfica podem contribuir para o processo de ensino aprendizagem em história? Essas questões podem ser consultadas e refletidas a partir de um gênero específico da cinematografia, o documentário.

O uso do documentário, em sala de aula, deve ser tomado pelo professor de história, mediante alguns cuidados, relacionados, sobretudo à sua natureza, suas possibilidades e suas limitações. O pesquisador Bill Nichols¹⁰ ao classificar o filme como sendo um documentário, buscou especificar duas categorias: documentários de satisfação de desejo (ficção) e documentários de representação social (não ficção). A segunda categoria, e que interessa ao presente trabalho, é assim definida:

“Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Torna visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizada pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seu ponto de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditamos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos.”¹¹

As colocações feitas por Bill Nichols apontam para o significado primeiro do filme: uma produção humana, historicamente localizada e suscetível de julgamentos diversos. Como tal, e como cita Marc Ferro¹², é passível de avaliação para fins de interpretações sobre o passado. Nesse sentido, e adotando o documentário como documento para compreensão histórica, não podemos tomá-lo como representação do real, um fonte de verdade absoluta, mas como representação dos acontecimentos históricos. O documentário imprime um discurso que lhe é natural e específico, e, que devemos considerar ao pontuar possibilidades de análise e crítica documental. Sua relação com o passado, próximo ou distante, é feita a partir de um discurso histórico, que produz representações, ao tempo que transporta, enquanto produção cinematográfica, uma subjetividade que é inerente à ótica do produtor¹³.

Em relação ao objetivo da pesquisa – verificar as contribuições do futebol para o ensino de história –, o trabalho optou por uma análise documental que possibilita lançar reflexões sobre a prática de ensino aprendizagem em história. Nesse

¹⁰NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005, p. 28-29.

¹¹Ibidem, p. 28-29.

¹²FERRO, op. cit., p. 81.

¹³Ibidem, p. 83.

contexto, e ao eleger o tema Ditadura Militar no Brasil, resta colocar em evidência o modo como, ao fazer uso do documentário, o professor pode vir a discuti-lo, de modo a aproximar futebol do ensino de história. Nesse contexto, o documentário escolhido para análise neste trabalho foi: “Ser campeão é detalhe: democracia corinthiana”¹⁴. A produção é um curta-metragem, produzido em 2011, fruto de trabalhos desenvolvidos pelo curso de Midialogia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na disciplina “Projeto em Cinema”¹⁵ e lançado no Museu do Futebol, em 2011, no estádio do Pacaembu, na cidade de São Paulo. Após assistir o filme, percebe-se que a proposta do documentário foi expor os efeitos, dentro e fora de campo, de um episódio particular da história do Sport Clube Corinthians Paulista, que ficou conhecido como “Democracia Corintiana”.

Com duração de vinte e quatro minutos e cinquenta e oito segundos, o curta-metragem é uma produção que reúne depoimentos de jogadores e demais pessoas envolvidas com o projeto “Democracia Corintiana”, que teria acontecido entre 1982 e 1984. O projeto tinha o objetivo de atingir um modelo de organização futebolística, a partir de preceitos democráticos, enfatizando a liberdade de participação em decisões sobre processos interno do clube de futebol. Além de comentários de pessoas que, mesmo não fazendo parte diretamente do projeto, demonstram conhecimento sobre o acontecimento. Os relatos giram em torno da exposição de uma realidade esportiva em que funcionários do Sport Club Corinthians Paulista, participavam democraticamente das decisões tomadas. O dia que foi lançado, 08 de dezembro de 2011, no Museu do Futebol, na cidade de São Paulo possivelmente, representou uma data simbólica, tendo em vista que a data 08 de dezembro de 2008 teria registrado a morte do ex-jogador Sócrates. A divulgação da produção aconteceu, sobretudo por meio das redes sociais, e segundo relato¹⁶, um dia após o lançamento no Museu do Futebol em 09 de dezembro de 2011.

A historiografia que versa sobre o episódio da história do futebol nacional, e que ficou conhecido como “Democracia Corintiana”, lança projeções de um marco na

¹⁴SER CAMPEÃO É DETALHE: democracia corinthiana. Direção: Gustavo Forti Leitão e Caetano Brasi. Produção: DNA Filmes; Instituto de Artes UNICAMP, Campinas, SP, dez. 2011, Duração: 00:24:58 h/min/seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MNyRGt95cWw>> Acesso em: 06 jun. 2015.

¹⁵ Sua produção começou em 2008 durante trabalho de conclusão de curso de alunos do curso de Midialogia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). O filme, que começou de maneira independente, quando todos da equipe ainda eram recém-formados, teve, após um ano de trabalho, produção da DNA filme e com o diretor e produtor do filme trabalhando na produtora. Além disso, contou com a participação de diferentes empresas do Grupo Muzy; assessoria de imprensa pela “1ª Brasil”, publicidade pela “Lá em Casa”, com lançamento do filme pela Class One e patrocínio da Muzy Corp. O filme foi lançado no dia 8 de dezembro de 2011.

¹⁶ Disponível em: <<http://sercampeaoedetalhe.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

História do Futebol Brasileiro. Isso porque neste momento, perfis e mentes que fugiam ao padrão das “boas condutas” para o futebol, engajaram-se, em prol de um projeto político que pensava o desenvolvimento do clube a partir de bases concedidas como democráticas¹⁷. Com isso, estariam reunidos elementos que possibilitaram, a partir do meio futebolístico, a emergência de um movimento que buscava projetar a democracia para além do universo clubista. No contexto dos acontecimentos, que marcavam o início da década de 1980, o historiador Marcos Guterman cita:

“Mas ainda estamos em 1982, e o Corinthians fazia história com sua ousadia democrática – que, ademais, veio acompanhada de um bicampeonato paulista e de um bom desempenho no Campeonato Brasileiro. O símbolo daquele momento era Sócrates, um paraense revelado pelo Botafogo de Ribeirão Preto e que só aceitava ser negociado com algum time depois de se formar em Medicina. Isso aconteceu em 1978, e então Sócrates foi para o Corinthians, aonde já chegou deixando claro que não gostava de treinar tanto quanto gostava de tocar viola, fumar e beber cerveja com os amigos. Era a antítese do atleta. No entanto, além de ter sido um dos maiores jogadores do futebol brasileiro em todos os tempos, foi igualmente um dos pivôs populares da virada democrática que estava sendo operada no Brasil”¹⁸

O documentário “Ser campeão é detalhe: democracia corinthiana” é uma homenagem ao ex-jogador Sócrates. O filme mostra como um clube que vivia em meio a uma estrutura conservadora conseguiu alcançar visibilidade suficiente para contestar a opressão da Ditadura Militar, quando, no início da década de 1980, emergiu a chamada “Democracia Corinthiana”, possibilitando o surgimento de um pensamento coletivo voltado para valores democráticos. Desapegado das imposições presentes no conservadorismo futebolístico, “Doutor Sócrates”, como era conhecido, lutou para fundar no clube uma cultura esportiva peculiar. Aos dezessete anos, Sócrates ingressou na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), mas continuava jogando pelo Botafogo de Ribeirão Preto. No final de 1973, decidiu profissionalizar-se como jogador, sem abandonar o curso de medicina, que fora concluído em 1977. Suas convicções políticas eram latentes, como demonstra em entrevista à Rádio CBN (2008)¹⁹, e ao se referir à “Democracia Corinthiana”, ele cita: “Foi uma época em que os subordinados eram escutados. E

¹⁷ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Futebol, micro-história do mundo contemporâneo. In: *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 25-162.

¹⁸ GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 208.

¹⁹ Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/socrates-1650>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

acho que isso é necessário hoje. A humanidade precisa ouvir mais²⁰". Seria uma originalidade²¹? A particularidade de Sócrates, para o meio futebolístico, está na luta pelo fomento à democracia, no fato de contribuir com uma forma de pensamento diferente e que dialogava com os anseios sociais por redemocratização. O rompimento promovido pela chamada "Democracia Corinthiana" também questionava a rotina posta aos jogadores, que, sendo profissionais deveriam ficar "concentrados" antes de partidas decisivas. Assim, a concentração é colocada, pela "Democracia Corinthiana" como antítese a liberdade que os jogadores teriam direito, enquanto seres humanos livres. Essa questão, pontuada por Sócrates, indica para possibilidade de um estudo de sua biografia, que assinala para percepção deste enquanto sujeito histórico autônomo, na medida em que suas ações operaram no campo das escolhas. Essa questão, se discutida em sala de aula, aponta para possibilidade de o professor de história explorar as atitudes humanas diante de questões que lhes são impostas, por padrões de comportamento, e que privam a liberdade em prol de um suposto benefício para o sujeito.

"Ser campeão é detalhe:" é uma produção construída a partir de comentários de sujeitos testemunhos, sobre um capítulo da história do Corinthians, ocorrido em um período de forte agitação no âmbito na Política Nacional, os anos de Regime Militar. Com isso, a primeira contribuição, diz sobre os relatos orais. A oralidade surge como aspecto relevante para o entendimento da "Democracia Corinthiana", enquanto acontecimento, bem como o contexto político e social de seu desenvolvimento. Também é responsável por destacar as perspectivas que levaram os sujeitos envolvidos com o processo acreditar no projeto, a sua origem e seu fim. Esses aspectos de análise fílmica, transportados para o campo educacional, e para o ensino de história em particular, fomentam para o estudante caminhos para construção de interpretações históricas por meio de relatos orais.

Os relatos orais são responsáveis por transportar uma memória que não diz respeito apenas a uma dada experiência individual, mas de uma coletividade. A partir desse aspecto da oralidade, é possível ao estudante visualizar uma história

²⁰Trecho retirado do Blog Terceiro Tempo, sessão "Que fim levou". Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/socrates-1650>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

²¹Sobre essa questão, Hilário Franco Júnior (2007) aponta alguns nomes, como por exemplo: Fausto, Heleno de Freitas, Leônidas e Garrincha, para os anos anteriores à "Democracia Corinthiana". Sobre a atuação de Sócrates ele faz o seguinte comentário: "... alguns jogadores, como os políticos opositoristas procuraram resistir, engrossando a longa lista daqueles que no passado tinham sido considerados rebeldes, mercenários ou boêmios, [...]". FRANCO JÚNIOR, op. cit., p.148-149.

construída por vários sujeitos, obtendo, assim, subsídios para se reconhecer enquanto agente da história. Sobre esse ponto, Selva Guimarães²² comenta:

“A história oral se justifica por várias razões, mas talvez a mais importante seja a necessidade de incorporação, no ensino aprendizagem da História, dos protagonistas vivos, pessoas que estão vivendo e fazendo história no meio social próximo. Os alunos são motivados a compreender que todos os homens, mulheres e crianças são sujeitos da história. Para ela toda experiência humana tem valor. A história não é algo morto, congelado; ao contrário, está viva, pulsando em construção. Todos nos temos oportunidade de fazer e escrever história.”²³

A construção coletiva da história é perceptível na fala de Sócrates, sobre o contexto da reunião de um elenco de companheiros (jogadores e demais funcionários do clube), que em 1982, instituía a “Democracia Corinthiana”: “E ali, nos estávamos discutindo o país sob a ótica do futebol.”. A participação de determinado grupo de pessoas em um meio social diferente, daqueles normalmente representados nos manuais didático, permite o entendimento acerca das ações, que, por mais individualizadas que sejam, fazem parte de um contexto mais amplo. Esse tópico, que diz sobre o título do acontecimento “Democracia Corinthiana” –, chama atenção para a questão do uso de conceitos nas aulas de história, por estudantes e professores. Uma vez tomados como referência temporal, determinados conceitos são usados por historiadores para identificar, povos, nações, culturas, acontecimentos, entre outros. Em sala de aula o professor pode explorar o conceito “democracia” em sua historicidade, de modo a problematizar sua origem e seu uso ao longo dos tempos, bem como sua representatividade simbólica nas sociedades atuais, e na brasileira em particular.

Nas palavras do ex-jogador Sócrates, sobre o significado do futebol e do grupo, ele comenta:

“O discurso do futebol é um discurso com uma linguagem que atinge o país todo, toda a população em geral. Nós tínhamos um grupo de pessoas, que pensava alguma coisa, diferente daquilo que era padrão. Só que não tínhamos a sensação de que pudéssemos, digamos criar a Revolução.”²⁴

A fala sugere ao professor de história a possibilidade de trabalhar, em sala de aula, dois aspectos: a sua relação com a sociedade e a consciência do sujeito testemunho, que o relato deixa transparecer. Nesse ponto algumas ponderações são

²² GUIMARÃES, op. cit., p. 345.

²³ Ibidem, p. 345.

²⁴ SER CAMPEÃO É DETALHE: op. cit., 2011.

necessárias. Como bem ressalta Circe Bittencourt²⁵: a inserção, seguida de análise do documento em sala de aula, não pode acontecer com a finalidade de “formar pequenos historiadores”. Nesse sentido a contextualização das falas aparece como elemento distinto para objetivos vinculados a interpretações sobre a “Democracia Corinthiana”, em sala de aula. Ao comentar sobre a criação de uma “Revolução” é importante que, seja pensado o modo como esse conceito está representado na história da humanidade, perceber a visão dos estudantes sobre o conceito, bem como a interpretação que o material didático faz sobre ele. Esse caminho é uma possibilidade a partir da qual se torna possível discutir a representatividade do conceito democracia para o contexto sociopolítico da “Democracia Corinthiana”.

Quando, no documentário, aparece uma linguagem que é específica do futebol e de sua atuação na sociedade, fica explícito seu poder de atingir e influenciar as mais diferentes classes e grupos. Essa é uma questão que pode, a partir da iniciativa do professor de história, levantar uma indagação pontual: o que explicaria essa popularidade? O antropólogo Roberto Damatta²⁶, ao discorrer sobre o espaço do futebol no Brasil, cita:

“O futebol no Brasil, assim, além de ser um esporte, é também uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo.”²⁷

A indagação acerca do espaço do futebol nas sociedades possibilita ao professor explorar questões como: visões/opiniões sobre o esporte, sobre a carreira do jogador de futebol, o futebol no imaginário social brasileiro, entre outros elementos que podem aproximar o estudante de discussões acerca do futebol, a partir de sua vivência e de suas experiências de vida. Caso seja esse o caminho escolhido, essa discussão pode ser enriquecida, com o exercício da pesquisa, feita pelos estudantes em fontes sugeridas pelo professor. Assim, a pesquisa local, a pesquisa em rede, em jornais e revistas esportivas, são alguns dos caminhos de pesquisa no ensino e que aproxima o cinema de outras linguagens.

²⁵ Ibidem, 2011.

²⁶ DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo x drama de justiça social. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 4, p. 54-60, nov. 1982. Disponível em: <<http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/34/20080620futebol.pdf>>. Acesso em 03 de março de 2016, p. 60.

²⁷ Ibidem, p. 60.

Relato interessante, no documentário, é o do jornalista Juca Kfouri, que descreveu a chegada de Adilson Monteiro Alves com certo estranhamento, pois, tratava-se de um sociólogo, de esquerda, sem nenhuma experiência com direção de clube de futebol. Segundo fala do próprio Juca Kfouri, em sua chegada, o novo diretor de futebol encontrava um cenário estranho para realidade dos clubes da época. Segundo relato, ele informa: “E quando ele [Adilson Monteiro Alves] chega no Corinthians, quem tá lá? Um médico, um revoltado, ainda quase na adolescência, e um negrinho de muita personalidade...” (Juca Kfouri, Ser campeão é detalhe:). Nesse ponto, e observando a fala, o documentário abre espaço para uma discussão importante e que o professor pode toma-lo a partir do universo futebolístico nacional, o racismo. Essa questão, se pensada a partir da própria história do esporte possibilitará ao professor de história levantar discussões a respeito do espaço que o racismo teve e tem no futebol. Ao fazer um retorno ao passado desse esporte poderá ser observado que a presença do racismo no futebol é fruto de uma construção histórica, intimamente ligada ao comportamento que da sociedade brasileira ao longo do século XX²⁸. Nesse contexto, e mediante uma perspectiva de aprendizado histórico construído a partir da confrontação de fontes, o professor de história poderá recorrer a outros vestígios deixados pela História do Futebol, como crônicas esportivas, jornais e revistas esportivas, e que assinalam para uma antiga presença do racismo no futebol brasileiro. O dialogo entre o documentário e outras fontes, que prescrevem o mesmo padrão de comportamento racista no meio futebolístico, possibilita que o estudante perceba a importância de fontes e recursos múltiplos, na compreensão histórica, rompendo com a perspectiva de “documento verdade” e canal único de interpretações sobre o passado.

O racismo, em sala de aula, pode ser problematizado pelo professor de história, a partir da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, do contexto de sua implantação e seu significado na sociedade brasileira. Feito a partir de orientações que identificam a Lei 10.639/03 enquanto conquista e fruto de lutas desprendidas pelo movimento negro no Brasil. É possível, entre outras, abordar o modo como a escola do próprio estudante problematiza a questão; chamar atenção para difusão de aspectos e comportamentos racistas nos diversos segmentos sociais, para além do futebol; bem como para o fato do racismo estar diluído na sociedade brasileira, algo que, direta ou

²⁸ Sobre essa questão, entre outras referências, ver: MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

indiretamente, aponta para uma barreira a ser rompida, tendo em vista o direito à igualdade social, sem distinção de qualquer natureza.

Tomando a “Democracia Corinthiana” como acontecimento, tem-se a agremiação de ideias, ações e conflitos, onde, a opinião de jogadores e demais funcionários adquiriu relevância e significado nas decisões tomadas. Essas questões auxiliam, em sala de aula discussões acerca do papel dos indivíduos na formação e no desenvolvimento de determinados acontecimentos, algo que vislumbra a história como construção coletiva. Mesmo sendo uma homenagem ao ex-jogador Sócrates, o documentário expõe o papel de diversos sujeitos e de seus espaços na solidificação da coletividade e na permanência da democracia.

Presente em sala de aula o documentário, que versa sobre a “Democracia Corinthiana”, também aponta para possibilidades de interpretação do acontecimento esportivo à luz dos acontecimentos na esfera sociopolítica. Como a sociedade esteve caracterizada na época do Regime Militar? Um auxílio na construção da resposta, para essa questão, encontra-se no relato do ex-jogador Zenon (“Camisa 10”). Sobre o projeto democrático, ele afirma: “O nosso projeto, ele abrangia essa parte também, essa parte política né. De fazer com que o povo entendesse que seria muito interessante uma mudança na forma de eleger um presidente na República”²⁹. Os traços desse projeto e que ajuda nas discussões em sala também são representadas em imagens históricas, capturadas em tomadas específicas para mostrar/demonstrar ações e o contexto do acontecimento. Exemplos disso são os momentos em que os jogadores entram em campo com uma faixa exibindo a seguinte frase: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia.”, relativizando a vitória, um aspecto central nos esportes, em prol da igualdade coletiva entre os membros do clube.

As discussões nas aulas de história, sobre a configuração do futebol em tempos de Regime Militar no Brasil, também podem ser construídas a partir da fala do jornalista Juca Kfourri, quando ele cita:

“A Democracia Corinthiana, ela surge neste momento em que o Brasil está a um passo de recuperar o direito de votar em presidente. Já não é aquela ‘Ditadura braba’ dos anos 70, AI 5... Mas é Ditadura. Então você tem um lado nessa questão, aderir claramente, era quase uma exigência da cidadania.”³⁰

As referências históricas, presentes na oralidade, permitem ao professor pautar suas orientações e estratégias a partir da investigação, da indagação, da

²⁹ SER CAMPEÃO É DETALHE: op. cit., 2011.

³⁰ Ibidem, 2011.

análise, e da ética em relação aos diferentes sujeitos e seus pontos de vista, que são, segundo Selva Guimarães³¹, contribuições das fontes orais para o ensino de história. Caberia, pois, o desenvolvimento de um processo de ensino aprendizagem que fomenta a percepção da historicidade dos acontecimentos, nos quais, a “Democracia Corinthiana” esteve envolvida. O aspecto político, presente no posicionamento de jogadores, abre espaço para possíveis interpretações que apontam para a consciência em relação ao valor da democracia, tendo alguns sujeitos escolhido reivindicá-la por meio do esporte de maior popularidade no Brasil.

O contexto de desenvolvimento do projeto “Democracia Corinthiana” fora marcado pela censura e pela perseguição à liberdade de expressão, que caracterizavam o cenário político da época. Esse perfil, tão marcante, dos governos militares no Brasil, também esteve representado no documentário. Decorridos quinze minutos e trinta e seis segundos os produtores optaram por inserir uma reportagem de época, que expunha uma notificação recebida pelo Corinthians. Em fala da repórter a matéria dizia o seguinte:

“A diretoria do Corinthians recebeu um telegrama, do CND, proibindo inscrições nas camisas que fazem propaganda política ou religiosa. Dessa forma, o Corinthians estaria proibido de usar nas camisas a expressão: ‘democracia corintiana’.”³²

A luta pela democracia no futebol e fora de suas competências esportivas, algo que teria desagradado membros dirigentes do Regime, serve de suporte, para, em sala de aula, o professor fomentar o entendimento acerca do modo como o Estado operava em repressão aos distintos movimentos contrários ao autoritarismo. Essa atuação, “extra campo”, foi o que possibilitou Sócrates e demais sujeitos a participarem, por exemplo, do movimento, “Diretas Já”, deixando visível o engajamento de um grupo esportivo nas discussões pelos direitos políticos no país, em um momento que, segundo José Murilo de Carvalho³³:

“Os comícios transformaram-se em grandes festas cívicas. Compareciam os líderes dos partidos de oposição, os presidentes de associações influentes como a ABI e a OAB, e, sobretudo, os mais populares jogadores de futebol, cantores e artistas de televisão. Músicas populares de protesto eram cantadas com acompanhamento da multidão, tudo sempre em perfeita ordem.”³⁴

³¹ GUIMARÃES, op. cit., p. 347.

³² SER CAMPEÃO É DETALHE: op. cit. 2011.

³³ CARVALHO, José Murilo de. Um balanço do período militar. In: *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 16^a Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 190-195.

³⁴ *Ibidem*, p. 192.

A opção de tomar o documentário, “Ser campeão é detalhe: democracia corinthiana”, como objeto para o ensino aprendizagem em história, deve levar em consideração as seguintes premissas: as limitações inatas da produção fílmica, e deste documentário em específico, e a representação que este lança sobre o futebol. Percebendo que essas são questões pertinentes à natureza cinematográfica, cabe ao professor de história lançar mão de estratégia metodológica que encaminha o filme como documento a ser problematizado a partir de um roteiro de análise fílmica, ao tempo que, coloca em discussão, em sala de aula, a representação histórica que é feita, no documentário, acerca da relação entre futebol e sociedade.

A produção cinematográfica busca atender demandas particulares desse campo artístico. Como toda produção humana, o filme não é produzido para fins de análise, avaliação e interpretação histórica, mas para difusão de determinadas ideologias. Portanto seu uso e efetivação enquanto documento histórico dependerá do olhar que o historiador lançará sobre esse objeto. Esse modo de investigação, com vistas à interpretação do documentário, possibilitará uma análise fílmica pessoal. No caso particular do documento/documentário o registro ocular do professor de história pode se valer do conhecimento de outras questões, que para Marc Ferro³⁵, são inatas do filme: autor, produtor, público alvo, regime político vigente quando da produção.

A contribuição de “Ser campeão é detalhe: democracia corinthiana” está na ordem de possibilitar interpretações acerca da memória social do futebol, colocando em evidência ações de sujeitos históricos diversos e diferentes daqueles que normalmente estão representados nos manuais didáticos. Sujeitos que em seu tempo e realidade se posicionaram em relação aos acontecimentos políticos e sociais. Entretanto, faz-se necessário romper com uma armadilha comum aos documentários: o de tomá-los como verdade, ou comprometidos com ela.

No afã de discutir, analisar, questionar e interpretar o conteúdo, Ditadura Militar no Brasil em sala de aula, tendo o documentário “Ser campeão é detalhe: democracia corinthiana” como ferramenta, o professor pode cometer o equívoco de trabalhar apenas com este material. A oralidade, presente nas entrevistas, não pode ser identificada, por professores e estudantes, como canal seguro para reflexões, isso porque, as falas transmitem opiniões, sentimentos, decepções e particulares, subjetividades que são inerentes às ações humanas. Com isso, resta ao professor de

³⁵ FERRO, op. cit., p. 86.

história fazer uso de outros documentos como forma de contextualizar o período e as discussões oriundas do uso do documentário.

O uso do futebol, nas aulas de história, como forma de discutir determinado conteúdo didático, aponta para uma possibilidade de renovação em sua abordagem, uma vez que o professor apresenta em sala de aula, um modo diferente de observar a História Nacional, normalmente discutida pelos manuais didáticos, a partir de ações políticas ligadas ao Estado. Essa possibilidade auxilia na percepção de uma história plural, na qual diversos sujeitos interagem com o contexto histórico, uma História Política que não é construída apenas, ou a partir, de membros do Estado administrativo.

O futebol em sala de aula, e por meio do documentário, que é um dentre outros documentos possíveis de uso, constitui-se como ferramenta importante para produção, difusão e assimilação do conhecimento histórico em sala de aula, uma vez que, como mencionado, permite o diálogo reflexivo entre o contexto nacional dos acontecimentos e o cotidiano traduzido nas ações esportivas. Essa perspectiva, para o ensino de história, pode ser pensada a partir de uma concepção de educação como processo de possibilidades, sem determinismos. Essas possibilidades, para um ensino de história que contribui com a formação política e social dos estudantes, têm no futebol elemento importante para o contato com uma história do Brasil como sendo fruto de um processo político e social, integrando diversos sujeitos em espaços diversos. Com isso, entendemos que essa ação contribui para uma formação crítica ao permitir que o estudante observe, descreva e analise, por meio de comparações, a relação entre passado-presente e presente-passado. Nesse conjunto de objetivos, para o ensino de história, o futebol permite identificar questões de um passado próximo, com contribuições significativas para a atual configuração da sociedade brasileira.